

## A experiência etnográfica no campo da comunicação<sup>1</sup>

Isabel Siqueira Travancas – ECO-UFRJ/RJ

Este trabalho tem como objetivo discutir as especificidades da experiência etnográfica no campo da comunicação. Quais são as questões metodológicas que este universo coloca para o pesquisador? Em que medida a prática etnográfica dentro dos veículos da mídia e os estudos de recepção apresenta particularidades em relação a outros trabalhos de campo? O ponto de partida para essa reflexão serão duas pesquisas realizadas em redações de jornais e telejornais brasileiros nas décadas de 1990 e 2000 e outra desenvolvida com receptores de televisão no início do século XXI. O foco da discussão aqui é a entrada no campo, a relação do pesquisador com seus “nativos” assim como os impasses surgidos ao longo do trabalho. Problematizar a noção de etnografia partindo de Malinowski até Geertz será uma das metas deste artigo

**Palavras-chave:** etnografia, comunicação, jornalismo

### Os caminhos da etnografia

Malinowski é não apenas o “pai da antropologia” mas também o responsável pela primeira elaboração da idéia de um método de trabalho, uma forma de pesquisar conhecida como etnografia. Para ele, *“a finalidade primeira e básica da pesquisa de campo etnográfica é oferecer uma descrição clara e nítida da constituição social e distinguir as leis e regularidades de todos os fenômenos culturais das irrelevâncias.”* (1980:47) De lá para cá esse conceito mudou bastante, mas o seu cerne permaneceu e continua fazendo sentido e ajudando a fazer pesquisa. Geertz muitos anos depois de Malinowski segue afirmando que a etnografia deve ser uma descrição. Uma “descrição densa”. Isso porque a seu ver, ela não é apenas um método cuja prática significa *“estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, assim por diante”* (1997:15). A descrição densa se distingue da descrição clássica por ser interpretativa e também por estar interessada nos detalhes microscópicos. E para o antropólogo norte-americano o que define sua prática

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil”

é o tipo de esforço intelectual que ela representa. Trata-se de um processo de interpretação que pretende, e espera-se que consiga, dar conta das estruturas significantes que estão por trás e dentro do menor gesto humano. Não é por acaso que sua visão da antropologia é de uma ciência interpretativa que está preocupada em buscar o significado. Assim como Malinowski já afirmava em 1922, além das estruturas do grupo pesquisado, suas rotinas e seus comportamentos “*resta ainda ser registrado o espírito – os pontos de vista e opiniões e expressões dos nativos.*”(1980:58) É a busca da captura do ponto de vista dos nativos o eixo fundamental do trabalho antropológico e também a preocupação de Geertz expressa no seu já clássico texto: “Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico”(1997: 85-107).

E aqui vamos nos aproximando também do conceito que Geertz utiliza de “experiência próxima” e entendendo essa proximidade nos mesmos termos de Malinowski. Ou seja, não é necessário ser um nativo para conhecê-lo. Não é preciso que o antropólogo tenha uma constituição psíquica especial que possa levá-lo a algo como “estar na pele do outro”, mas desenvolver uma capacidade, habilidade ou mesmo aptidão que possibilite essa compreensão do outro. Ela consiste na idéia de experiência etnográfica, que remete à obra de mesmo título de James Clifford (1998).

Não se trata de um “truque”, como salienta Geertz(1997:88). O antropólogo precisa descobrir, não apenas o que os seus nativos estão fazendo, mas, o que eles acham que estão fazendo. Há uma diferença entre etnógrafo e nativo que não desaparecerá. Ele muitas vezes não perceberá o que seus nativos percebem, nem deve procurar ser um deles, como lembra Foote-Whyte(1980:82) em sua discussão sobre o lugar do pesquisador. Ao falar de seu aprendizado, diga-se de passagem riquíssimo, sobre a observação participante, não esconde seus erros e equívocos. Um deles é a tentativa de se passar por um deles. Um nativo.

“A princípio minha preocupação foi integrar-me em Cornerville, mais tarde no entanto tive que encarar o problema do meu nível de inserção na vida do bairro. Defrontei-o uma noite, quando passeava na rua com os Nortons. Tentando penetrar no espírito de uma conversa trivial deixei escapar uma série de obscenidades e palavrões. A caminhada foi interrompida quando todos pararam para me olhar surpreendidos. Doc meneou a cabeça e comentou: ‘ Mill, você não devia falar deste modo, isto não combina com você’. Procurei explicar que estava apenas empregando termos usuais na rua. Doc, no entanto, insistiu que eu era diferente e que desejava que eu continuasse assim. Essa lição teve um alcance

maior do que o uso de obscenidades e palavrões. Descobri que as pessoas não esperavam que eu fosse igual a elas; na verdade, sentiam-se atraídas e satisfeitas pelo fato de me acharem diferente, contanto que eu tivesse amizade por elas.”

Esta reflexão sobre o papel do pesquisador e como ele deve se colocar diante de seus informantes, me lembrou outra discussão sobre a observação participante. Para a antropóloga Ruth Cardoso(1986) há uma valorização da observação participante, mas é fundamental que ela não se transforme em "participação observante", termo cunhado por Eunice Durham. Isso significa que o pesquisador ao se engajar no estudo muitas vezes se coloca como "porta voz" do grupo investigado, deixando de lado o seu compromisso profissional e ético. Esquecendo também que, embora haja um enorme espaço para a subjetividade do cientista social neste tipo de pesquisa, é preciso cuidado para não tornar os dados coisas objetivas com vida própria independente dos atores sociais. Para Cardoso o perigo da intensificação da participação do investigador na pesquisa, diga-se de passagem bastante justificada, é ela servir “*menos como forma de aproximar para conhecer e mais como identificação de propósitos políticos entre pesquisador e pesquisado. Isto reduz a pesquisa à denúncia e transforma o pesquisador em porta-voz do grupo*“. Tal atitude acaba por eliminar uma etapa importante da pesquisa antropológica que é o estranhamento como forma de compreensão do outro. Nós não somos como nossos nativos, estamos do outro lado e é exatamente por estarmos do outro lado que a nossa perspectiva tem possibilidades mais amplas. Como lembra Geertz(1997:88), é importante sermos capazes de produzir interpretações da forma de viver de um povo que não fiquem restritas aos seus horizontes mentais. “*Uma etnografia sobre bruxaria escrita por uma bruxa - nem que fique sistematicamente surda às tonalidades de sua existência – uma etnografia sobre bruxaria escrita por um geômetra.*”

Voltemos ao Clifford(1998:33) apenas mencionado anteriormente. Ao se referir ao trabalho de Evans-Prichard em Os Nuer, o autor fala da intensa mistura entre experiência pessoal e análise científica. Amálgama que define bem a constituição do trabalho antropológico. Ele é entendido tanto como “rito de passagem” quanto como “laboratório” e tem a observação participante como parte do processo etnográfico. Este se tornou um traço distintivo da prática antropológica também por incorporar a subjetividade do pesquisador como um elemento-chave.

Roberto DaMatta já abordava essa questão ao problematizar a dualidade

familiaridade/estranhamento no trabalho de campo analisando sua própria vivência como etnógrafo ao mergulhar em uma sociedade indígena. Em “O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues” ele afirma que a experiência do trabalho de campo se dá a partir do movimento, do deslocamento do pesquisador em relação à sua própria sociedade. Quando parte para pesquisar outra sociedade longe da sua, é preciso que o antropólogo vivencie o que DaMatta(1978) chamou de “anthropological blues”. Estes blues, esta tristeza é resultado da sua tentativa de transformar o “exótico em familiar” e “o familiar em exótico”. O primeiro diz respeito ao encontro do pesquisador com a sociedade do "outro", do diferente. É seu confronto pessoal, não apenas com o isolamento e a "saudade", mas com um universo diverso do seu, com outros códigos, outras lógicas, outra maneira de viver e pensar. O segundo movimento é o que envolve o antropólogo que decide pesquisar a sua própria sociedade, procurando encará-la de uma nova forma, experimentando o "estranhamento" dentro da sua própria cultura. Esse movimento fundamental e ao mesmo tempo paradoxal dentro da antropologia, implica um novo horizonte de expectativas. Nunca se alcançará o estanhamento absoluto, nem tão pouco a familiaridade plena. É acompanhando o movimento desse pêndulo que vive o antropólogo. E corre o risco de não se sentir familiar ou próximo de sociedade alguma por, de tal forma, introjetar essa perspectiva subjetiva. Isto me lembra uma citação do escritor português Miguel Torga que, ainda que se refira à emigração, fala também dessa situação de não pertencimento. “*Pareço uma dessas árvores que se transplantam, que tem má saúde no país novo, mas que morrem se voltam à terra natal*” (1934). A etnografia é uma experiência de imersão total, podendo ser entendida como uma aculturação invertida, nos termos de Laplantine( 2000 :150). Ou seja, além de entender um grupo social através de suas manifestações externas, é preciso interiorizar os significados que seus membros dão para as mesmas. Voltamos ao ponto de vista dos nativos.

Este trabalho foca sua atenção no segundo movimento descrito por DaMatta: o deslocamento que o pesquisador tem de fazer dentro da sua própria sociedade procurando olhá-la com outros olhos, com olhos de um estrangeiro em busca de significados. Gilberto Velho em seu texto “Observando o familiar”(1987) chama a atenção para o “caráter de interpretação e a dimensão da subjetividade envolvidos nesse tipo de trabalho”. O trabalho do antropólogo. E o profissional que decide estudar os meios de comunicação de massa, ainda que em outras sociedades, estará também observando o familiar. A produção da notícia, o trabalho do jornalista ou a recepção de

televisão certamente divergem em função da cultura das sociedades onde estão inseridos. Por outro lado, estes, como elementos da sociedade de massa, fazem parte também da cultura dos pesquisadores. Ver uma novela no Brasil pode ser bem diferente de assisti-la em Cuba ou no Egito, e as interpretações de seus telespectadores também. Mas o ritual e o próprio exercício de ver é familiar para os antropólogos da segunda metade do século XX. Lila Abu-Lughod(2001) ao realizar uma pesquisa de recepção de melodramas televisivos em uma pequena aldeia do Alto Egito destacou a relevância da TV na vida dos indivíduos no mundo atual. A seu ver, a televisão é uma tecnologia extraordinária para romper fronteiras, intensificar e multiplicar encontros entre mundos, vidas, sensibilidades e idéias. Renato Janine Ribeiro (2004) falou em uma espécie de matéria prima do laço social no Brasil. Algo que une a todos. Eu arriscaria ir mais longe ao afirmar que os produtos da indústria cultural funcionam como uma espécie de elemento comum em indivíduos distantes. A descrição que a intelectual argentina Beatriz Sarlo(2004) faz das casas de videogames e das relações que se estabelecem no isolamento daquele espaço, como um misto de discoteca e bar, apontam para enormes semelhanças. Os olhares estão voltados para a tela e dela não se desviam. As máquinas são um conjunto de "temporalidades diversas" no qual as tecnologias de imagem e som se misturam em ritmo frenético e onde as performances são valorizadas. Poderíamos falar de jovens argentinos, chineses, alemães ou australianos. A presença da mídia nas sociedades complexas é quase homogênea, mas seguramente sua recepção e significação não. Nossas sociedades hoje se caracterizam e se definem como sociedades de comunicação de massa, de informação e entretenimento em escala industrial e destinadas a um amplo público.

### **A especificidade da pesquisa em e sobre comunicação**

Certamente a pesquisa sobre imprensa ou radialistas não é mais complexa do que a realizada com punks ou jovens envolvidos no tráfico, para ficar apenas em exemplos de grupos de sociedades urbanas contemporâneas. O que elas podem ter de particular é a proximidade do pesquisador com o tema antes da realização da própria pesquisa. O antropólogo não chega “virgem” da experiência comunicativa. Alguns em maior grau, outros em menor. Ao decidir realizar um estudo sobre jornalistas no final da década de 1980, me questionava sobre o meu lugar e o meu papel em uma pesquisa sobre este tema. Pelo fato de trabalhar como jornalista na época me achava

extremamente “contaminada” pelo objeto para poder analisá-lo “cientificamente”. E na realidade o meu pertencimento não era “em si” um problema ou ameaça. Mas o que eu poderia fazer com ele? Ou, invertendo a perspectiva, que vantagens eu poderia tirar deste fato?

Sabemos que a entrada no campo é um momento decisivo no trabalho etnográfico. É preciso saber como se constrói a rede de relações do grupo e pensar em como será feita a entrada a partir de um conhecimento profundo do universo escolhido.. Um grupo desviante exige cuidados e premissas distintas, por exemplo. O pesquisador terá que saber quais as condições e exigências para sua entrada; ou ainda se é necessário o apoio ou mesmo a interferência de um outro antropólogo que já tenha investigado o grupo.

Quando fui estudar os jornalistas em minha dissertação de mestrado(1993) tinha bastante contato com aquele "mundo", muitos amigos trabalhando em redação e ia às redações com frequência. Ou seja, aquele não era um universo nem novo nem desconhecido para mim. Entretanto, a minha entrada se deu em vários níveis. Amigos e colegas me ajudaram, permitindo o meu acesso à redação para conversar com eles - em um primeiro momento mais informalmente - e acompanhar o movimento da redação. Quando decidi acompanhar os repórteres em suas rotinas de apuração, precisei da autorização das chefias. Ou seja, era possível circular pelas redação sem problema, se você tinha um "passe" - crachá de visitante - concedido por um colega, mas não sair daquela esfera. E para obter a autorização do chefe de redação era fundamental apresentar uma carta explicando a pesquisa, seus objetivos, prazos e atividades.

João Torres(1994:23) em seu trabalho de análise da construção da notícia decidiu ancorar a pesquisa em sua experiência etnográfica como repórter do caderno SP-Nordeste, de Ribeirão Preto, editado pela *Folha de S. Paulo*. E redigiu um trabalho pouco convencional em que descreve as rotinas e as práticas como a pauta e o fechamento da edição fazendo uma crítica contundente à imprensa. Ele narra na dissertação muito dessa vivência. “ *Convocado a retornar à máquina de datilografia, me dispus a redigir novamente o texto(...) O aspecto mágico do jornal poderia ser examinado pela própria linguagem empregada. A arbitrariedade da norma linguística adotada poderia ser em parte explicada como índice de comprometimento da Folha a um determinado segmento do público leitor-consumidor. A existência ou não do Mana nessa operação totêmica de representação do mundo dependeria da dimensão do processo de intervenção do jornal no comportamento e no pensamento do público-*

*alvo*”. O que o relato de Torres traz de interessante é a questão desse duplo papel repórter-pesquisador vivido por ele concomitantemente.

Na pesquisa de Pós doutorado(2007) sobre o **Jornal Nacional** e sua recepção por estudantes universitários minha entrada no primeiro campo – a redação do telejornal – foi totalmente diferente da experiência ocorrida 15 anos antes. Tratava-se do mais importante jornal de televisão da maior emissora brasileira e a entrada foi a mais fácil possível, sem necessidade de contato pessoal. Dessa vez o passe foi a pesquisa. Telefonei para a redação e pedi para falar com o editor chefe do jornal, Wiliam Bonner. Informaram-me que ele estava ocupado e não poderia atender o telefone, mas que eu poderia adiantar o assunto. Expliquei a pesquisa e o meu desejo de acompanhar a rotina de produção do jornal durante um dia inteiro. Pediram-me que enviasse um fax com todos os dados e que mais tarde me ligariam. Não acreditei. Para minha surpresa durante a edição do **JN**, me telefonaram dizendo que o Bonner tinha lido meu fax e pedia que eu lhe enviasse um email para marcar a visita. Logo escrevi e no dia seguinte ele me respondeu e agendamos para uma semana depois. Essa entrada explicita uma postura, não apenas da empresa, como do próprio editor em relação ao jornal e à importância de facilitar seu acesso aos pesquisadores. Também aponta para uma outra visão do nativo de que os pesquisadores são”contra” o jornal. Bonner chegou a comentar comigo, durante o dia na redação que “eles falam mal do jornal, criticam muito. Você também vai fazer isso.” acrescentou. (2007:56). Para além da perspectiva diversa das duas funções – pesquisador e editor chefe – esse dado me fez pensar na observação participante e na nossa visão deste “outro” tão próximo. Faye Ginsburg(1999:273) em “Cuando los nativos son nuestros vecinos” chamava a atenção para a idéia de conversão em relação ao grupo. A pesquisa a que se refere investiga um grupo de mulheres contrárias ao aborto e foi realizada nos anos 1980 nos Estados Unidos. Ela comenta:

*“Al contrario de los Nuer, de los aborígenes australianos o de las numerosas subculturas americanas, las personas que yo estudié son consideradas por la mayor parte de mis colegas como sus enemigos. Cuando ensayé, como es deber de todo etnógrafo, tornar comprensible la posición right-to-life, verla tan convincente como lo es para quienes adhieren a la misma, mi ‘objetividad’ o mis conclusiones fueron puestas en duda: no habría yo hecho más las visiones nativas’? En este caso, mis colegas(quienes están en su mayoría a favor del derecho al aborto, es decir son pro-choice, como yo*

*misma lo soy), interpretaban incluso que si mi empeño me había permitido comprender la posición de las right-to-life, eso disminuía la credibilidad de mi análisis etnográfico.”*

Ou seja, pode haver por parte dos pares como do grupo pesquisado visões antagônicas. Estaríamos assim voltando ao lugar da participação observante. Bonner como os colegas de Ginsburg esperavam o mesmo. Uma análise comprometida com uma visão pré concebida. Seja do pesquisador, seja dos nativos.

A relação do antropólogo com seu grupo ou seu informante privilegiado é delicada. Carregada de sutilezas, de expectativas de ambos os lados. A antropóloga Sílvia Nogueira(1998) ao estudar jornalistas cariocas chamou a atenção para o papel da troca no meio jornalístico. *“Ele é fortemente marcado por um dia-a-dia construído em bases de trocas. Trocas de gentilezas, de favores, de informações, de experiências, etc., onde aceitar trocar significa aceitar fazer parte de uma rede de relações próprias ao meio jornalístico. “* Em sua pesquisa de doutorado(2005) sobre o campo radiofônico em Ilhéus, Bahia, novamente a questão da troca, agora também em relação à própria pesquisadora, apareceu. A entrada nas rádios locais foi franqueada à pesquisadora que, em vários momentos, precisou atuar como locutora ou assistente em casos de ausência de alguém da equipe. Da mesma forma os desabaços e críticas ouvidos por ela ao acompanhar o grupo, pressupunham discrição da sua parte. Trata-se de relações de troca sobre uma base de confiança entre pesquisador e informantes.

O trabalho de Patricia Coralis(2004), - uma dissertação de mestrado - sobre um fã clube virtual ajuda a ampliar a perspectiva da relação pesquisador-pesquisado. Os computadores e a comunicação virtual entraram nas sociedades modernas com uma força e uma velocidade avassaladoras. Mas os estudos acadêmicos sobre eles ainda são escassos. As etnografias mais ainda. Coralis desenvolve uma investigação sobre um fã clube virtual da Madonna.

De saída se coloca a questão de como desenvolver uma etnografia já que esta implica em contato com o outro, em proximidade e observação participante em um universo virtual. A pesquisadora vai entrando no "campo" a partir da comunicação virtual com os membros do fã-clube. Ela se apresenta ao grupo, explica seus objetivos e prepara questionários para serem respondidos através da internet. A medida que avança no trabalho, no qual busca investigar o quanto o espaço virtual modificou ou não o modo de "ser fã", Coralis passa a estabelecer contatos pessoais com os participantes,



diga-se de passagem dispersos por várias cidades do país, até participar de um dos eventos organizados pelo grupo e conhecer pessoalmente vários membros do fã-clube.

O que ficou evidente com seu trabalho é como a condição de fã se constrói e se afirma na interação com os outros e o quanto esta interação pode se dar através de muitos canais, inclusive o virtual. Ao mesmo tempo, a antropóloga percebeu que o contato real se faz necessário e os eventos organizados pelo fã-clube também cumprem este papel. São um espaço de comemoração, de confraternização, de reforço desta identidade de fã, mas também de contato pessoal entre jovens que se comunicavam e se conheciam apenas virtualmente.

Pesquisas focadas na internet e em relações virtuais ajudam a problematizar a relação com o informante e seu papel de trazer a “verdade” do grupo para a pesquisa. O trabalho de Jean Segata(2008) sobre as relações pessoais no orkut explicita essa questão. O perfil do usuário do Orkut é construído por ele através de elementos que o identificam como seu gosto pessoal, seus vídeos, sua personalidade. Portanto ele existe neste espaço virtual ainda que suas informações não possam ser comprovadas. Mas isso não importa. A idéia de um personagem *fake* faz parte deste universo e é relativizada por Segata. Um dos membros do grupo estudado assume uma identidade *fake* e isto produz uma discussão e um interesse que une a comunidade. Do momento em que a identidade “verdadeira” é revelada a própria atividade do grupo é reduzida.

Este gênero de pesquisa coloca questões para o pesquisador. Como acompanhar o grupo? Apenas virtualmente? Isso pode ser considerado trabalho de campo? Muitas vezes é fundamental fazer parte da comunidade estudada para ter acesso ao grupo e às informações. Como se coloca o pesquisador? Observa, participa ou os dois? As primeiras investigações sobre internet e suas comunidades têm buscado refletir sobre as especificidades da pesquisa neste contexto particular. A etnografia pressupõe um contato direto e intenso do antropólogo com seu ou seus informantes, implicando no estabelecimento de uma relação pessoal entre eles, onde confiança e integridade estão em jogo. A observação através da rede traz novas possibilidades e exige do pesquisador uma visada distinta.

A recepção de televisão coloca em cena outros aspectos para pensar o trabalho de campo. Um dos estudos pioneiros na área de televisão é o da antropóloga Ondina Leal (1986). "*A leitura social da novela das oito*" é um marco nos estudos de recepção. Nesta dissertação, a autora estabelece um diálogo com os pensadores da Escola de Frankfurt e com teóricos da comunicação para entender o lugar e o papel da televisão,

especialmente o da novela das oito, na sociedade brasileira. Para isso selecionou dois grupos de famílias para junto com eles assistir a novela. O primeiro era formado por pessoas das classes populares e o outro por pessoas de camadas médias intelectualizadas. Todos os dois residentes na cidade de Porto Alegre.

Com quais problemas a pesquisadora se deparou ao entrar no "campo"? Um deles foi assistir à novela com famílias de camadas médias. Porque estas desdenhavam a televisão e em especial a novela. Na opinião deste grupo, este produto televisivo estava associado a um repertório popular. Assim, encontrar quem afirmasse que assistia novela regularmente não foi fácil. Isso porque o significado simbólico da televisão era muito distinto do das famílias de classes populares, onde a televisão e a novela estavam associadas à modernidade, ver novela era um ritual e a sociabilidade com a vizinhança passava pelos temas discutidos no folhetim da televisão.

Ao longo da pesquisa, Leal foi percebendo que o local que a televisão ocupava na casa das pessoas e o lugar que a mesma ocupa na vida das pessoas têm uma relação estreita. Ao observar as diferentes casas foi percebendo que nas populares, de menor espaço, a televisão tem um lugar de destaque e mobiliza a todos quando ligada. Nas casas das classes altas, ao contrário, o espaço é mais amplo e há lugar para muitas outras coisas, em geral a televisão nunca está na sala, mas em um recanto, menos exposta. Este tipo de percepção se dá a partir de um acompanhamento mais prolongado, de visitas a muitas casas, muitas vezes, para se poder observar o grupo com mais apuro e escutar melhor os seus discursos.

Em minha pesquisa de recepção do **Jornal Nacional** entre estudantes universitários cariocas pude me ver diante de muitas questões. Da entrada no campo até a elaboração do texto final, passando pela etnografia de audiência, surgiram inúmeras situações novas e impasses na pesquisa.

Como fiz uma etnografia de audiência era necessário ver o **JN** com os estudantes no local em que assistissem. Até chegar a esse momento de vermos juntos, muita coisa se passou e cheguei até a pensar que não conseguiria prosseguir com a pesquisa. Depois de aplicar questionários em várias turmas dos cursos de Medicina, Comunicação, Serviço Social e Pedagogia de diversas universidades do Rio de Janeiro, consegui 40 jovens disponíveis para participar. Mas na prática essa disponibilidade foi mais complicada. Os contatos por email ou telefone foram difíceis, não respondiam, não atendiam ou não tinham possibilidade de agendar um encontro. Vários ao longo do tempo foram desistindo, alegando motivos os mais variados. Os que confirmavam seu

interesse foram se reduzindo. Até que finalmente consegui marcar com o primeiro estudante para ir na sua casa. Não acho que essa dificuldade de entrada no campo seja casual. Entrar na casa das pessoas implica uma entrada na vida pessoal, na intimidade muitas vezes familiar. E isso ficou mais evidente quando depois da primeira “visita” eu passei para outra categoria e o segundo encontro poderia ser logo depois ou quando eu quisesse. Nos termos de DaMatta(1987), enquanto eu estivesse associada ao mundo da rua o acesso à casa era restrito e condicionado. Afinal, era uma professora e pesquisadora desconhecida. Ao ver o telejornal junto passei para um outro mundo: o mundo da casa. E então, como eles mesmos me diziam; “É só ligar quando quiser vir novamente”. Como num passe de mágica a pesquisa “andou” e pude assistir com eles duas ou três vezes, algumas ao lado da mãe, da filha, de colegas, tomando um refrigerante ou comendo salgadinhos. No caso de alguns estudantes de baixa renda e moradores da periferia o alcance da minha presença era mais amplo ainda. Virei uma espécie de “trunfo” e fui apresentada a vizinhos e parentes como “a pesquisadora que vem ver o **Jornal Nacional** na minha casa”.

Essa “invasão” de intimidade autorizada e consentida aponta para outros aspectos da pesquisa e para a forma como pude ver como eles viam televisão. Vários estudantes estranharam a situação de ver televisão “parado” e comentaram sobre isso. Diziam que era muito raro ver daquela maneira. Sentado, atento e não se movimentando. Claro que aqui entra em cena nesta estranheza também a minha presença. A presença de uma pesquisadora que vê televisão junto e que vê você ver televisão na sua casa, na sua intimidade, o que pode ser para alguns constrangedor ou intimidador. Muitos pediam desculpas pela bagunça da casa ou do quarto, outros pediam silêncio aos outros membros da casa,

Alguns antropólogos(Cardoso:1986) têm procurado discutir a presença do pesquisador e sua interferência no campo, sem contudo achar que esta impossibilita o trabalho, nem se iludir acreditando que essa presença não modifica o grupo ou não é notada. Por outro lado, Becker (1993: 53) discute a idéia de declarações dirigidas ou espontâneas por parte dos informantes. A seu ver “ *a declaração espontânea parece menos propensa a refletir as preocupações do observador e possíveis de biases do que uma declaração feita em resposta a alguma ação do observador, pois a própria questão do observador pode levar o informante a dar uma resposta que poderia nunca lhe ocorrer de outra maneira.*” Sei o quanto a presença do pesquisador interfere na cena da recepção, gerando muitas vezes um clima artificial. Entretanto, busquei ao longo da

pesquisa problematizar a minha presença, tanto na relação com os estudantes, quanto no texto final da pesquisa.

Chegamos ao texto do pesquisador. Está é a última etapa deste processo. Texto que é escrito para os seus pares, para a comunidade acadêmica e ao qual muitas vezes o nativo não terá acesso. É claro que o pesquisador não é apenas um transmissor de falas ouvidas. Para isso bastaria um gravador e alguém que transcrevesse as fitas. Seu papel fundamental é interpretar. Interpretar o que está sendo dito, observado e sentido. O trabalho final do antropólogo - seu texto - é fruto de muitas vozes. Das vozes nativas, das vozes dos autores com quem dialoga e da sua própria voz. E sabe-se que o texto produzido pelo pesquisador não pode ser visto como algo separado da sua pesquisa de campo. A antropóloga Mariza Peirano(1992, p.134) ao comentar o trabalho de V. Crapanzano sobre brancos na África do Sul, enfatiza a relação entre os dois processos.

*"Chama-se a atenção para o fato de que a maneira como se faz etnografia/pesquisa de campo está intimamente ligada á forma como se escreve, ou melhor, se constrói etnografias como textos. Assim, estão intimamente relacionados na construção etnográfica a pesquisa de campo (incluindo, naturalmente, a escolha do objeto), a construção do texto e o papel desempenhado pelo leitor."*

Geertz fala em ficção, Crapanzano em romance. Para o último este gênero é plurivocal na sua essência.

Clifford, em sua introdução a *Writing Culture*, chama a atenção para a escritura etnográfica e sua perspectiva dialógica bakthiniana de refletir a polifonia de grupos distintos, muitas vezes discordantes principalmente em sociedades complexas. Para o pesquisador *"a perspectiva dialógica situa as interpretações culturais em vários contextos.(...) A cultura é sempre relacional: ela é a inscrição de processos de comunicação que existem historicamente entre sujeitos tomados por relações de poder."*<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Tradução livre minha.

## **Considerações finais**

Este trabalho não buscou esgotar a questão da etnografia no campo da comunicação de massa. Nele procurei, a partir de uma discussão sobre como se define e caracteriza uma etnografia desde Malinowski até pesquisadores atuais como Geertz e Clifford, identificar algumas particularidades nos trabalhos sobre mídia.

Acredito que hoje, mais do que nunca, é inevitável refletirmos sobre as sociedades complexas sem darmos um lugar de destaque para os meios de comunicação de massa. Eles são uma valiosa porta de entrada para compreendermos os fenômenos sociais produzidos por seus "nativos", assim como podem ajudar a desvendar seus "códigos" e "mapas". Debra Spitulnik(1993) em sua resenha sobre a interseção da antropologia com a comunicação, chama a atenção para o fato de ainda não ser possível falarmos em uma "antropologia dos meios de comunicação de massa", embora na última década tenha havido um aumento no interesse de estudá-los. Segundo Spitulnik, há inúmeras maneiras de se abordar antropologicamente os meios de comunicação: como instituições, como lugares de trabalho, como práticas comunicativas, como produtos culturais, como atividades sociais, como formas estéticas e como desenvolvimentos históricos.

Portanto, os meios de comunicação colocam questões novas para os antropólogos. A enorme diversidade de produtos sendo lançados a cada momento exige do pesquisador uma visão mais ampla da própria noção de etnografia. Quando há um século imaginaríamos que um trabalho de campo poderia ser realizado quase sem contato face a face como tem sido feitas as pesquisas com grupos na internet?

As relações dos indivíduos com estes mesmos produtos também muitas vezes surpreende quem estuda esse campo. Há muitos sentimentos envolvidos, nem sempre esperados e muito menos óbvios. As pesquisas sobre recepção de televisão apontam para isso. Muitos grupos investigados estabelecem uma relação profundamente afetiva com o próprio aparelho e com os programas que assistem. Dialogam com seus conteúdos, discordam de seus personagens mas principalmente, colocam-nos em suas vidas de maneira intensa.

O campo da comunicação não é mais vasto que qualquer outro. Apenas percebo que no contexto atual ele vem trazendo novas questões e dilemas para quem quer pesquisá-lo na medida em que sua realização pressupõe uma problematização da observação participante, da relação com o nativo, com os produtos estudados e com a

própria escrita do trabalho final. Esse texto é um começo de conversa sobre a prática antropológica no mundo da comunicação. Espero que esse diálogo seja extenso e fértil.

## Referências Bibliográficas

- ABU- LUGHOD, L. "A interpretação de cultura(s) após a televisão" In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, RJ, 132: 103-129, 2001.
- BECKER, H. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. SP: Hucitec, 1993.
- CARDOSO, R.(org.) *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. SP: Paz e Terra, 1986.**
- CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica*. RJ: EdUFRJ, 1998.
- \_\_\_\_\_. & MARCUS, G. *Writing culture*. Berkeley: University California Press, 1986.
- CORALIS, P. *Nunca te vi, sempre te amei. Uma análise antropológica da idolatria a Madonna em um fã clube virtual*. Rio de Janeiro: PPGCS/UERJ, 2004. (dissertação de mestrado).
- DAMATTA, R. "O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues". *Boletim do Museu Nacional*, n. 27, maio, 1978, p.1-12
- \_\_\_\_\_. *A casa & e a rua*. RJ: Guanabara, 1987.
- DURHAM, E. (org.) *Malinowski: Antropologia*. SP: Ática, 1986.(Grandes cientistas sociais, 55).
- FOOTE WHITE, W. *Sociedade de esquina*. RJ: Zahar, 2005
- \_\_\_\_\_. "Treinando a observação participante" IN: ZALUAR, A.(org.) *Desvendando máscaras sociais*. RJ: Francisco Alves, 1980. p.77-86
- GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A interpretação das culturas*. RJ: Zahar, 1978.
- GINSBURG, F. "Cuando los nativos son nuestros vecinos" IN BOIVIN, M; ROSATO, A. & ARRIBAS, V. *Constructores de otredad*. Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1999.
- LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. SP: Brasiliense, 2000.
- LEAL, O. F. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MALINOWSKI, B. "Objetivo, método e alcance desta pesquisa". IN: ZALUAR, A.(org.) *Desvendando máscaras sociais*. RJ: Francisco Alves, 1980. p.39-61
- NOGUEIRA, S. *A construção da notícia em dois jornais cariocas: uma abordagem etnográfica*. PPGAS/Museu Nacional-UFRJ, 1998. (Dissertação de mestrado).
- \_\_\_\_\_. *Facetas do Rádio. Uma etnografia das emissoras de Ilhéus(Sul da*

- Bahia*). PPGAS/Museu Nacional-UFRJ, 2005. (Tese de doutorado);
- PEIRANO, M. *Uma antropologia no plural*. Brasília: EdUNB, 1992
- RIBEIRO, R. J. *O afeto autoritário - televisão, ética e democracia*. SP: Ateliê Editorial, 2004.
- SARLO, B. *Cenas da vida pós moderna*. RJ: EdUFRJ, 2004.
- SEGATA, J. *Lontras e a construção de laços no orkut*. Rio do Sul: Editora Nova Era, 2008.
- SPITULNIK, D. "Anthropology and mass media". In: *Annual Review of Anthropology*, p. 293-314, nº 22, 1993.
- TORGA, M. *Contos da montanha* RJ: Nova Fronteira, 1996.
- TORRES, J. B. *As Folhas do mal: espectros da antropologia da imprensa*. PPGAS/UNB: Brasília, 1994. (Dissertação de mestrado).
- TRAVANCAS, I. *O mundo dos jornalistas*. SP: Summus, 1993
- \_\_\_\_\_. "Fazendo etnografia no mundo da comunicação". In: DUARTE, J. & BARROS, A. (orgs.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. SP: Atlas, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Juventude e televisão*. RJ: FGV, 2007.
- VELHO, G. *Individualismo e cultura*: RJ: Zahar, 1987.